

As opções da escola católica

ESTADO DE SÃO PAULO

JOSÉ MARIA MAYRINK

Um ônibus virá de Santarém, no Pará, e outro sairá de Rio Branco, no Acre, trazendo professores religiosos e leigos para o XII Congresso Nacional da Associação de Educação Católica (AEC), que reunirá mais de quatro mil educadores em Brasília. Eles chegarão de todas as partes do País e durante cinco dias, de 7 a 11 de julho, discutirão o papel das escolas católicas — os antigos colégios de padres e freiras — na sociedade brasileira de 1986, às vésperas da eleição da Constituinte.



Luiz Antônio

“Educação, sociedade e participação” é o tema geral. Mas os debates descerão a questões práticas e urgentes, como o ensino pago, as escolas indígenas, os meios de comunicação, a presença da família e a formação religiosa dos alunos, sempre a partir da perspectiva de uma democratização “que possibilite a participação de todos e, de forma especial, dos setores populares marginalizados”.

“A tese da Igreja é em defesa do ensino de 1º grau gratuito para todos, cabendo ao governo garantir recursos para isso”, disse o professor Luiz Antônio de Souza Amaral, vice-presidente da AEC e diretor do Santa Cruz, um dos colégios católicos mais tradicionais e mais caros de São Paulo. Dentro dessa proposta, o ensino não teria fins lucrativos, e a escola confessional seria, ao lado de outras instituições particulares, uma opção para os pais. Essa colaboração Estado/Igreja não é propriamente uma novidade, pois na prática ela já existe, como observa o presidente da AEC, o padre jesuíta Agostinho Castejón:

“De um total de quatro mil escolas católicas, que têm cerca de 1,5 milhão de alunos no Brasil, pelo menos 450 funcionam em regime de convênio com o governo para manutenção de seus cursos de 1º e 2º graus”, disse ele, lembrando o exemplo do Amazonas, onde 59 das 65 escolas católicas trabalham em convênio com o Estado.

Na verdade, estes são colégios estaduais gratuitos, apesar da orientação religiosa e da presença de padres ou freiras na direção. Essa presença é cada vez menor, até mesmo num co-

légio como o Santa Cruz, que atualmente tem apenas três padres e está entregue às mãos de diretores e professores leigos.

“Cheguei aqui em 1964 e quatro anos depois assumi a direção do ginásio”, diz Luiz Antônio de Souza Amaral, responsável pelos 1.200 alunos de 1º grau, à frente de uma equipe leiga que não só ensina todas as matérias do currículo, mas se encarrega também da formação religiosa, dentro da linha do Santa Cruz e da pastoral da arquidiocese de São Paulo.

Leigos são também os diretores do 2º grau e do supletivo, embora o padre Lionel Corbeil responda pela direção geral e o padre Paul-Eugène Charbonneau seja o coordenador do colegial. Um terceiro sacerdote, Lourenço Roberge, trabalha no colégio (é uma espécie de capelão), mas é também vigário numa favela do Jaguaré.

São professores leigos — homens e mulheres — que ensinam religião. Maria Célia Pires de Campos, por exemplo, explica a Bíblia para os alunos da 6ª série. Falando do Livro de Gênesis, ela analisa as relações do rei de Sodoma com seu povo. A aula é uma dramatização na qual cada aluno desempenha um papel: Luiz Frederico Buosé é Abraão e uma menina, Priscila Galvani, representa o sacerdote Melquisedeque.

Nem todos os 19 estudantes da sala são cristãos. Mariana F. Mendes, por exemplo, é de família espírita, Guilherme Rochlitz não tem religião e Luiz Roberto Inui, católico, diz que só assiste às aulas porque “são obrigatórias”.

“Ele diz isso, mas se oferece como voluntário para trabalhar na periferia com os pobres”, trata de acrescentar a professora Maria Célia, mostrando assim que os frutos colhidos valem mais do que as lições planejadas.

“Plantar sementes de cristianismo no coração dos alunos, numa época em que os pais se sentem incapazes de cuidar sozinhos da educação religiosa, esta é a missão de um colégio católico”, observa o diretor Luiz Antônio de Souza Amaral. E é isso que tenta fazer a equipe do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Vila Pompéia.

“O colégio católico é um meio de formação e é justamente essa formação que as famílias procuram”, explica a irmã Irlene Aparecida Guerra, uma das 20 religiosas que trabalham com as 1.800 meninas do Sagrado Coração de Jesus (que é um colégio feminino), entre mais de 80 professores leigos.



Maria Célia, explicando histórias da Bíblia

Edward Costa



Getúlio (de gravata) com a equipe do Consolata

Benedito Salgado

Leigos, ensinando religião

Apesar de tantos professores leigos, o Sagrado Coração de Jesus ainda tem uma marcada presença das freiras: elas usam hábito, convencidas de que a roupa é sinal de seu testemunho religioso, e encarregam-se do ensino da religião, embora haja orações em todas as aulas:

“A primeira aula de cada período começa com uma oração e o professor ou professora reza com as alunas. Eles participam de tardes de reflexão no colégio e são apóstolos em suas classes”, informa irmã Irlene, acrescentando que também as meninas têm um programa paralelo de formação cristã, além das lições do currículo.

Mais ou menos a mesma coisa faz a Escola de 1º e 2º Graus Nossa Senhora da Consolata, na avenida Imirim. As irmãs missionárias, que anos atrás eram mais de 30 na direção do colégio, foram trabalhar em outras funções pastorais. Agora, há apenas quatro freiras e são os leigos que dirigem o Consolata, num regime de participação que para muitas instituições católicas ainda é um sonho (e por isso faz parte do tenário do congresso da AEC em Brasília).

“Há 15 anos começou a formação dos professores e há oito temos essa atuação dos leigos na direção”, explica Getúlio Ferreira, diretor-substituto que assumiu o Consolata na ausência da diretora freira. Da equipe de coordenação participam mais cinco professores leigos. Orestes Antônio Asprine é o responsável pela pastoral, isto é, pela formação e pela vida religiosa no colégio.

O Consolata, um colégio de classe média, tem cerca de 1.800 alunos. A aula de religião é obrigatória, mas não significa proselitismo nem catequese. Há atividades de vivência religiosa, sempre dentro da linha de

uma mensagem evangélica “libertadora” (que é a orientação da CNBB e da arquidiocese de São Paulo), mas delas participa apenas quem quer.

Ensino religioso e formação cristã estão no programa dos colégios católicos, mas em geral não é isso que pais e alunos procuram. O Santa Cruz, por exemplo, chegou a ter 20% de judeus no seu curso de 2º grau, simplesmente porque prepara bem para os vestibulares. “Como vai nesse colégio?” — costuma perguntar o rabino Henry Sobel ao padre Charbonneau, sabendo da preferência da colônia judaica.

Mas, apesar da presença de não católicos, a orientação continua sendo católica nas instituições de padres e freiras, mesmo quando eles cedem seus lugares aos leigos para trabalhar em outras funções pastorais. Só que a participação religiosa vem-se transferindo para a paróquia, “pois é na comunidade paroquial que se vive o cristianismo”, como observa a irmã Josemary, uma das responsáveis pela formação dos alunos do Consolata.



Benedito Salgado

Consolata, colégio misto

Primeira comunhão, festa para a paróquia

São colégios católicos, de padres e freiras, mas não fazem mais a primeira comunhão dos alunos. Não é que seja proibido, mas é uma orientação da arquidiocese que, na prática, a maioria trata de obedecer, apesar da resistência dos pais.

“A escola é passageira, a paróquia é a comunidade permanente”, justifica o cardeal dom Paulo Evaristo Arns, explicando por que determinou que a cerimônia da primeira eucaristia (ou primeira comunhão) fosse feita sempre na igreja da paróquia.

Como é a orientação do arcebispo, todos os bispos auxiliares de São Paulo seguem a mesma linha e, por isso, dom Fernando Pentead, da região episcopal de Itapeverica, recomendou que os colégios de sua jurisdição também se enquadrassem. Um deles é o Pio XII, do Morumbi, que pela primeira vez em sua história de 35 anos não terá mais a festa da primeira comunhão:

“Houve bastante relutância dos pais, porque para eles era mais cômodo preparar os filhos aqui no colégio, principalmente pelo fato de muitas famílias morarem em outros bairros, muito longe de nossa paróquia, que é a de Nossa Senhora da Providência do Real Parque”, disse a irmã Iolanda Marcelino, responsável pela formação religiosa no Pio XII.

O colégio vai obedecer à orientação do bispo, mas compreende também as razões dos pais de seus alunos. E, por isso, as freiras estudam uma solução intermediária: formar

um grupo de reflexão para quem quiser preparar os filhos no Pio XII.

“Esses pais teriam maior participação e depois desse período de preparação poderiam levar os filhos para a primeira eucaristia em qualquer paróquia, talvez até aqui mesmo no colégio”, disse irmã Iolanda, observando que o grupo não passaria de 30 a 40 casais, em vez dos 150 que até o ano passado participaram da cerimônia. Ela acha que seus alunos, que têm dois anos de formação, saem bem preparados para a eucaristia, “melhor do que se fossem formados em outro local”.

Solução intermediária encontram também o Consolata e o Sagrado Coração de Jesus. Seus alunos são preparados no colégio, mas apresentam-se depois à paróquia, onde participam de uma cerimônia comum, ao lado de crianças e jovens da comunidade. Irmã Irlene disse que a mesma orientação será observada no Sagrado Coração, para o sacramento da confirmação (crisma), que será administrado na igreja de Nossa Senhora do Rosário, de Vila Pompéia, depois de um curso no colégio.

A preocupação é não deixar que os pais façam da primeira eucaristia apenas um ato social, mas “engajar toda a família na vida cristã que tem na paróquia o seu centro”, observa dom Décio Pereira, bispo da região episcopal da Sé. Ele lamenta a resistência de alguns colégios e como exemplo cita o Rio Branco, que não é católico (pertence à Fundação Rotary), mas está promovendo uma festa de primeira comunhão.